CONTOS DE FADAS TURCOS

Türk Peri Masalları

FICÇÃO · CONTOS

جزایر پله که خرام ایلابان
جزایر دیارین گشاد ایلابان

گیم ایچره کای مقام ایلابان
سواحله افتح بلاد ایلابان

بارین اوردو الیندا حاضر قلیب
کهی قطع وادی جزایر پله

ل نواحیدانی گیم یلیب
ع ایتیپ فلک سایر پله
قلیب قطع حد تیز تینگیز
ه دشت اندازه پیز

مکان بولدی مغرب دیاری انکا
که مغرب زمین کیلدی اعظم سواد

مدد ایلابان لطف باری انکا
بسی شهر اعظم غه پردی گشاد

قلیب سعی بیگوردی خیل و سپاه
مینیب رخش دولت سوروب قلدی فتح

کا گیم عزم ایتپاردی شاه
یلمنی هم یوروب قیلدی فتح

ÍNDICE

11 NOTA DO EDITOR

17 O PRÍNCIPE VEADO
(Geyik Prens)

37 AS TRÊS FADAS DAS LARANJAS
(Üç Turunçlar)

65 AS CRIANÇAS DE CABELOS DOURADOS
(Altın Saçlı Kardeşler)

93 O JOVEM CINZA
(Kül Oğlan)

115 O TURBANTE MÁGICO, O CHICOTE MÁGICO E O TAPETE MÁGICO
(Sihirli Sarık, Sihirli Kamçı ve Sihirli Halı)

págs. 6-7: Mir 'Ali Shir Nava'i, *Folio from a Divan*, 1580. The Metropolitan Museum of Art, Nova Iorque.

pág. ant.: Sheikhzadeh, atrib., *Alexander the Great Hunting a Duck*, página do *Diwan* de Mir 'Ali Shir Nava'i, 1526. Bibliothèque nationale de France, Paris.

133 O CORVO *PARĪ*
(Karga Peri)

145 A DONZELA MAIS BELA DO MUNDO
(Dünyanın En Güzel Kızı)

165 ŞAHMERAN, A RAINHA DAS SERPENTES
(Şahmeran Efsanesi)

NOTA DO EDITOR

Nascidos da oralidade e transmitidos ao longo de séculos por contadores de histórias, dervixes*, viajantes e narradores de cafés otomanos, os contos e lendas turcas continuam a ter uma notável capacidade de maravilhamento.

Convivem, nestes contos, o mundo islâmico e antigas heranças centro-asiáticas, mas há também ecos persas e árabes, memórias bizantinas e elementos populares da Anatólia profunda. São histórias em que o maravilhoso surge integrado, com naturalidade, na vida quotidiana: padixás** e mendigos, pastores e princesas, dervixes e demónios, animais

* Monge asceta do islamismo sufista. A palavra deriva do persa e significa «mendigo» ou «aquele que procura as portas».

** Título honorífico que pode significar «Grande Rei», «Rei dos Reis» ou «Imperador».

falantes, génios, *parī*[*], serpentes encantadas e árvores milagrosas coexistem num universo em que o sobrenatural não parece ter limites.

Comparado com o conto de fadas ocidental, o conto turco conserva uma energia mais antiga, que pode até parecer mais abrupta e por vezes mais cruel. A justiça é muitas vezes extrema; os castigos são violentos; os heróis triunfam, não apenas pela virtude, mas também pela astúcia, pela coragem ou pela resistência perante o destino. Diga-se, e este livro prova-o, que estas histórias possuem uma intensa dimensão poética, com ritmos orais, repetições tradicionais e hipérboles que visam criar um ambiente quase hipnótico, como se cada narrativa fosse uma travessia ritual através do imaginário.

Os contos que a **Guerra & Paz editores** reuniu neste volume representam bem essa tradição. Encontramos aqui alguns dos grandes motivos recorrentes do folclore turco e oriental: crianças abandonadas e miraculosamente salvas, transformações mágicas, animais tutelares, princesas sobrenaturais, demónios devoradores e reencontros familiares marcados pela reparação do destino.

Alguns exemplos:

[*] Entidade sobrenatural, espírito feminino da mitologia persa e otomana.

«O príncipe veado» é testemunha do ciclo narrativo das metamorfoses e das separações fraternas. A transformação do príncipe em animal, o exílio no deserto e o reconhecimento final aproximam-no de tradições que atravessam desde os Balcãs até à Pérsia e à Ásia Central.

«As três fadas das laranjas» é uma variante oriental de um motivo mediterrânico, aqui enriquecido pela imaginação otomana: as *parī* persas, os jardins encantados, as mães dos demónios, os objectos mágicos e o peso do destino conferem-lhe atmosfera muito própria.

«As crianças de cabelos dourados» alimenta-se de temas como os gémeos prodigiosos, a falsa acusação da mãe, o abandono das crianças, a ajuda sobrenatural e a recuperação da identidade perdida, revelando uma dimensão épica e cósmica do imaginário turco, povoado de rainhas *parī*, cavalos mágicos, jardins sobrenaturais e criaturas monstruosas.

Já «O jovem Cinza» aproxima-se da figura universal do herói humilde, na aparência insignificante que acaba por triunfar graças à coragem e à inteligência, uma espécie de primo turco do «Gato das Botas» ou do «João Pateta», mas marcado por uma violência e um humor tipicamente anatólios.

Merece destaque a presença do imaginário persa nestas narrativas. Ao longo de séculos, o

universo cultural otomano absorveu motivos, figuras e sensibilidades vindas da literatura persa clássica. As *parī*, os jardins paradisíacos, os espelhos mágicos, os ciprestes, as montanhas encantadas e a própria atmosfera de sonho que atravessa muitos destes contos revelam essa herança comum.

Para acompanhar esta edição, procurámos ilustrações que entrassem em diálogo com esse universo. Recorremos tanto a miniaturas otomanas quanto a miniaturas persas, até por terem aquelas nascido parcialmente destas. Não sendo possível ilustrar de modo literal os episódios narrados, procurámos miniaturas e iluminuras otomanas e persas que pudessem oferecer ressonâncias simbólicas. São, na verdade, imagens que prolongam a atmosfera dos contos mais do que retratam a sua acção concreta.

As cenas de caça, os jardins floridos, os exércitos, os cavaleiros, os banquetes, os pássaros, os motivos ornamentais e as composições caligráficas pertencem ao mesmo universo mental dos contos: ambos, imagens e contos, nos oferecem um mundo onde natureza, sonho e espiritualidade coexistem numa ordem que tanto é terrestre quanto é mágica.

Há uma significativa afinidade entre o funcionamento simbólico dos contos e estas ilustrações. Não querem, nem contos nem ilustrações, reproduzir apenas e fielmente a realidade visível, mas sim

penetrar um certo mundo interior. Tal como os contos operam através de símbolos recorrentes, como sejam, e vamos repetir-nos, o deserto, a fonte, o jardim, o espelho, a floresta ou o pássaro, também as imagens constroem atmosferas contemplativas, que afinal nos transportam para uma tradição imaginativa em que animais falam, pedras escutam, jardins ocultam segredos e o destino humano permanece (como deve ser!) inseparável do mistério.

O PRÍNCIPE VEADO

Geyik Prens

Há muito, muito tempo, num lugar onde havia muitos servos de Alá, vivia um padixá que tinha um filho e uma filha. Com o passar do tempo, o sultão envelheceu e, quando chegou a sua hora, partiu deste mundo.

Tomando o seu lugar, o filho assumiu o trono e, em pouco tempo, desbaratou toda a herança.

Um dia, disse à irmã:

– Querida irmã, o nosso dinheiro acabou. Se as pessoas souberem que não temos dinheiro, expulsar-nos-ão e nunca mais poderemos encarar os nossos concidadãos. Por isso, será melhor arrumarmos as nossas coisas e partirmos já para outro lugar.

Juntaram então os poucos pertences que lhes restavam e, a coberto da noite, abandonaram o palácio do pai e partiram em direcção ao desconhecido.

Andaram um pouco, andaram muito, até chegarem a um vasto deserto, onde quase desfaleceram, exaustos devido ao calor abrasador. Foi então, quando o jovem sentia que não aguentava mais, que avistou uma pequena poça de água.

– Irmãzinha – disse –, não dou nem mais um passo sem beber desta água.

– Não, querido irmão! – respondeu a menina. – Como sabemos se é água limpa ou insalubre? Se aguentámos até agora, por certo aguentaremos um pouco mais.

– Insisto – respondeu o irmão – que não darei nem mais um passo até beber toda a água desta poça, mesmo que morra ao fazê-lo.

Com isto, ajoelhou-se, sorveu a água até à última gota e, de repente, transformou-se num veado.

A irmãzinha gritou de dor perante este infortúnio, porém, não havia nada a fazer a não ser continuar. Andaram um pouco, andaram muito, subiram e desceram colinas, atravessando o deserto arenoso até chegarem a uma fonte debaixo de uma grande árvore, onde se sentaram para recuperar o fôlego.

– Escuta bem, irmãzinha – disse o veado –, sobe àquela árvore, enquanto tento encontrar algo para comermos.

A rapariga subiu à árvore e o veado foi procurar alimento. Correu montanha acima e vale abaixo, apanhou uma lebre e levou-a para o sopé da árvore, onde esta lhes matou a fome. Assim viveram dia após dia, semana após semana.